

LEITURA FURIOSA

um encontro de três dias entre escritores
e gente zangada com a leitura ou a sociedade



2021

A ILHA SEM CAMINHO



Nasci na Ilha do Mel, em Vitória. Sou Capixaba, que é uma plantação de milho. Fui feita no Candomblé. *(Enquanto ela dizia isto, apareceram duas borboletas castanhas, pequenas, e puseram-se a voar mais ou menos no centro da sua cabeça. A cada palavra que ela acrescentava, vinha mais uma, e outra, e outra.)* O meu nome é igual ao do meu pai. Não tenho nome de mãe, nem tenho a certeza do dia em que nasci, mas acho que foi em Setembro. Ou foi isso, ou foi em Junho, ou em Março. Gostava muito de viver junto ao mar, mas não tenho transportes. Todos os dias subo o monte, às oito da manhã, e fico à espera que chegue um autocarro, mas nunca vem. Sou uma ilha sem caminho. Na verdade, acho que toda a gente vive numa ilha. Sempre o pude ver, mesmo depois de ter cataratas. As minhas cataratas são no olho direito. Estou à espera para ser operada. Até lá, vejo com o olho esquerdo.

Uma vez, li um livro da Teolinda Gersão onde existia uma personagem que vinha obrigada, muito nova, do Brasil para Portugal. Eu não vim obrigada, vim conhecer a família do meu pai. A personagem chamava-se Júlia, e só voltava ao Brasil depois de morrer. Nessa altura, atravessava o mar e podia ver o mar de uma maneira que ninguém vê, mesmo lá no fundo. *(Dizes que o caminho de volta para a ilha é a morte? Quando a interrompi, apareceram mais três borboletas, maiores do que as anteriores, de asas pretas, com manchas alaranjadas no centro e nas pontas.)* Não sei. Mas ela tinha - no livro — umas cartas que nunca chegavam ao destino, como a irmã Lúcia, que escrevia cartas que ninguém lia. Cartas sem caminho. Estas eram do Thomas Mann para o Freud, que nunca as recebia. *(Aqui fez uma pausa, como se recordasse qualquer coisa da infância, antes de continuar.)* Sabes, cada vez que volto a casa, a minha casa mudou. A minha cidade mudou. Mudou mais do que o céu muda num dia de Primavera. Desde que percebi que é assim, só acredito vendo. *(Mas tu vias o cão? Mais uma vez, uma borboleta, novamente uma grande e esplendorosa monarca, apareceu sobre o centro da sua cabeça e pareceu olhar-me com crescente irritação.)* Ora, eu via e não via o cão! É teatro, não é? Podem ver-se coisas que não estão. Imagina, fazer estendais de roupa nas velas de um barco imaginário, limpar a ferrugem que apareceu na minha voz. No teatro pode até falar-se sem palavras. O cão chamava-se Ferrugem e, isso talvez seja o mais importante, o Orlando, que era o meu amigo, tinha de fazê-lo afastar-se de uma cadela, por quem se tinha apaixonado, chamada Laika. Mas o meu amigo era muito manso, não gritava como deve ser. Tinha de ensinar-lhe a gritar. Ele era como o Orlando do romance da Virginia Woolf, vivia para sempre. Está todos os dias comigo, sabes? Morreu três dias antes da peste começar, desde o dia em que nunca mais pudemos fazer teatro. Lembras-te? *(Eu sorri para dentro da máscara. Lembrava-me bem. A única coisa que tinha esquecido eram as borboletas.)* Faz mais de um ano, não faz? 13 de Março. Foi numa sexta-feira. Muitas pessoas ficaram pelo caminho. No início da peste, não conseguia sair de casa, nem com um pé. Todos os dias desmaiava e ninguém sabia explicar porquê. Só Iemanjá soube explicar. Por isso, agora quero viver junto ao mar, mas não tenho transportes, como te disse. Podíamos fazer lá uma escola de teatro, e eu poderia fazer de marroquina, ou vender a Torre de Belém, ou o Mosteiro dos Jerónimos, o meu amigo poderia voltar, e nós poderíamos dar abraços até desmaiar de euforia. Só não me peças é para fazer de polícia, que isso não faço.

Judite Canha Fernandes com Graça, Raquel e Zeferino.
Ilustração de Pierre Pratt.

FILHO DA PREGUIÇA



Sou filho da tua preguiça, ó minha mãe!
Foste comida pelo meu pai
por quem não estavas apaixonada
nem sequer foi por vício, apenas por
submissão
por conformismo
Eu nasci e tu não tinhas
nem meios nem disposição
Para ti eu era só um passo em falso
um fardo um embaraço
Devias ter pensado nisso antes!
Mas pensar cansa

Sou filho da tua preguiça, ó meu pai!
Comeste a minha mãe à pressa
e partiste sem olhar para trás
Uma rapidinha sem desejo nem prazer
por conformismo
Ao que parece herdei os teus traços
e o teu mau colesterol
Nunca andaste comigo ao colo
Nem sequer sabes que eu nasci
Nem nunca pensaste no assunto
Porque pensar cansa

Sou filho da tua preguiça, ó professor!
Bem vias que os teus ditados me aborreciam
e que eu não aprendia a ortografia
Mas continuavas, semana após semana
por conformismo
Que fizeste para me motivar?
Para me interessar pela leitura?
Ensinavas a andar na linha
Bastava-te sublinhar os erros
Davas-me zero sem pensar na questão
Pensar cansa, pois então!

Sou filho da vossa preguiça, ó camaradas!
Pois que me destes as primeiras passas
o primeiro cigarro o primeiro charro
sem volúpia, só para imitar os crescidos
por conformismo
A seguir quando fiquei bem agarrado
aprendi convosco a roubar a traficar
Só custa dar o primeiro passo
Gamei por moleza não por precisar
rapinei sem tomar o tempo de pensar
já que pensar cansa

Sou filho da minha preguiça, ó miséria!
Dia e noite me queixei da minha condição
com imensa pena de mim mesmo
bastava-me andar na gandaia e na
gatunagem
por conformismo
Não me preocupava com o passo seguinte
Achava-me esperto fui caçado como um rato
E quando o juiz me perguntou
porque é que eu não queria trabalhar
confessei que nunca tinha pensado nisso
uma vez que pensar cansa

Mas tu também és filho da tua preguiça
ó burguezinho marrão e bem comportado
que fazes quase tanta asneira como eu
menos por prazer do que para armar aos
cucos
por conformismo
porque sabes que o papá te protegerá
é uma questão de honra e de bom nome
E no fim de contas ou no início tanto faz
tu és o seu herdeiro e seguirás os seus passos
após uns desvios porém sem pensar a sério
visto que pensar cansa

Saguenail com Nelson KD, Xandre, Dada e Zezé no Centro Educativo de Santo António.

Ilustração de João Alves.

ERRO DE MUDANÇA DE AGULHA



A família e os amigos, todos diziam a Cécile que a imaginavam no papel de professora primária ou, mais exactamente, no de «mestra». «Mestra, ficava-te mesmo bem», repetiam incansavelmente.

Cécile, por sua vez, tinha um medo da vida activa que se pelava. A cena dela era mais o envolvimento em missões de interesse colectivo, o voluntariado. Tinha feito estudos de turismo, de património cultural. Em Châteauroux, La Châtre e Argenton-sur-Creuse descobrira a animação rural, organizara um festival de intercâmbio de saberes, promovera sanitas secas, instalara cine-sopas (não havia bilhetes de entrada, bastava trazer um legume), aprendera a dança circassiana. Para ela, nada disto pertencia à vida activa, representava apenas muito prazer e a delicada sensação de ser útil.

«Mestra, ficava-te tão bem.» Acabaria por convencer-se de que permanecer no mundo cocooning da escola era, no fundo, tranquilizador. «Seja, serei mestra!», pensou.

Aconteceu no dia 3 de Setembro de 2014; estava bom tempo. Apanhou o comboio na sua boa cidade natal de Reims e foi até Charleville-Mézières, numa de estabelecer

uma ponte entre os romances de Roger Vailland e os versos de Arthur Rimbaud, de verificar se as águas da Meuse teriam a mesma cor que as da Vesle. Numa também de se atirar, acima de tudo, não à Meuse nem à Vesle, mas ao curso misterioso e inquietante da vida activa. E de ficar a conhecer um pouco melhor essa incrível profissão de «mestra». Mal franqueou a soleira da porta da escola, sentiu-se desfasada. «Trinta crianças por turma? Isso é demasiado», matutou. «Ensinar matemática? Impossível.»

Assaltou-a uma vontade irreprimível de chorar e apoderou-se dela uma longa crise de angústia. «É isto, a vida activa?» Lembrava-se da sua escola primária em Cormontreuil, perto de Reims. Havia três professores que se ocupavam dos seus colegas e dela: um dispensava as matérias científicas; outro, as matérias literárias; um terceiro, as aulas de educação física. Uma verdadeira alegria! Nada a ver com a polivalência que lhe seria exigida. Em seu torno, os potenciais professores activavam-se, projectavam-se no futuro, fervilhavam com os seus projectos profissionais. Sentiu-se paralisada.

Seis horas depois, correu para a estação, apanhou à justa o TER Charleville-Reims das 17h07, atirou-se para cima do moleskine dos bancos e deixou-se embalar pelo rolar ferroviário, tentando esquecer o terrível erro que representava aquela mudança de agulha. De regresso a Vailland, esqueceu Rimbaud no seu bar preferido, A Escala, na rue de Vesle. Tinha agora a certeza de que as águas de Vesle não se pareciam com as da Meuse. E de que jamais seria «mestra».

Philippe Lacoche com Cécile, Francine e Joselyne.
Tradução de Isabel Lopes Cardoso. Ilustração de Dominique Scaglia.

VENTOS NA ESTRATOSFERA DE JÚPITER CHEGAM A QUANTOS DICIONÁRIOS HÁ NO MUNDO

É Íris Alexandra Nunes Marques, 8 anos, quem me inspira o título. Quando lhe sugiro que escreva cinco linhas, copia um pedaço de João Paulo Cotrim, e quando lhe peço uma linha, só, inventada por ela com palavras do texto, recebo: «Ana não das pedras Enfim, não será».

Cheguei numa máquina de lavar. Abri a portinhola, entrei lá para dentro com o sabão e o amaciador, fechei, carreguei em «on» (não me perguntem como consegui) e rodei e rodei até me achar na biblioteca da escola, limpo e seco, frente aos sorrisos, seis.

Ler e escrever, escrever e ler, será um pouco como andar sobre pedras num riacho. Há quem saltite alegremente de margem para margem, outros há que avançam devagar, cautelosos, e há quem hesite com medo de ir ao banho. Mas toda a gente quer, e muito, ler e escrever.

Carolina Filipa Gonçalves Mendonça, 8 anos, parece hesitar, um tempo; depois, é ela quem vai buscar um dicionário enorme, espesso e pesado, pergunta se haverá quem conheça aquelas palavras todas e não descansa enquanto não vamos pesquisar no Google «quantos dicionários há no mundo». O Google não sabe.

Lia não se faz rogada em ler, e escreve com desenvoltura uma linda história sobre o tema da amizade. Eu tento imitar-lhe o ritmo e escrevo rapidamente umas linhas sobre a eleição do rei dos pardais. Leio em voz alta. A Lia acha a minha história curta. Depois vai buscar o caderno e recita-me este seu poema:

As estrelas

As estrelas brilham com o Luar,
Luar belo brilhante e bonito,
Bonito e cheio de luz.
Luz viva grande e forte.

(Lia Pereira Martinez, 8 anos)

De Anhelina Ilyuk, 8 anos, não consegui textos escritos. Mas, sim, muitas palavras ditas e muitos sorrisos. Textos escritos com sorrisos. E música, com arpejos de cavaquinho e notas soltas de xilofone; e, depois, a busca apaixonada de animais quase extintos, de poemas vivos em esquecimento. Também trouxe de presente uma nave espacial, obra de suas mãos em papel dobrado. Ou seria um barco? Enfim, serei dos que não distinguem barcos de naves espaciais.

Nelson Madeira Almeida Costa, 9 anos, começa por insistir na construção de casas com pufes e cadeiras, mas acaba por se revelar escritor, alguém ligado por palavras aos confins do universo. Escreve ele:

«As estrelas são brilhantes como o sol
mas o sol é quente e as estrelas não são quentes
porque será?
os planetas são quentes?
Depende do planeta»

Anteriormente, escrevera no caderno versos como: «As estrelas são pessoas que já morreram» ou «as estrelas cadentes voam? / não sei ninguém sabe», e é ele quem se espanta, e me espanta com os ventos na estratosfera de Júpiter.

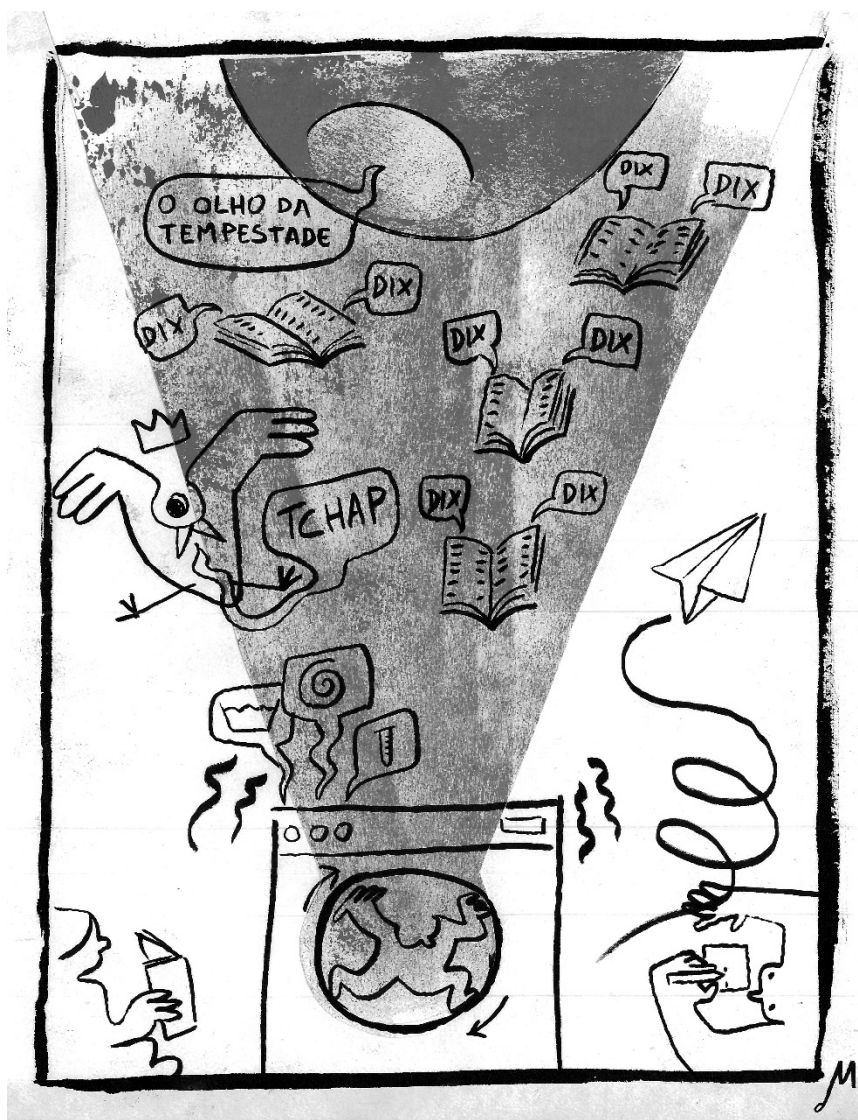
Jasmanpreet Singh, 10 anos, chegou há pouco tempo à língua portuguesa. Está muito perto dela, mais do que o que ele próprio confessa. Diz, em bom português, que não sabe escrever, mas,

paradoxalmente, escreve isso mesmo «eu não sabe escrever». À hora do lanche, oferece Pringles a toda a gente e insiste para que eu prove; mais tarde mostra-me um desenho pormenorizado do interior do sol.

Será possível alguém morrer queimado por uma batata frita picante? pergunto aos meus botões, enquanto engulo meio litro d'água. Em redor, as vozes parecem confirmar um certo perigo:

A mim, dói-me a língua
Eu estou toda vermelha
Aranha Tigre
Lula Gigante
Pato Mergulhão

“Era uma vez um pardal que cantava mal; pior do que os outros pardais. Quase todos os outros pardais faziam Tchup, mas ele fazia Tchap. Então, toda a gente concordou em que ele era mesmo extraordinário e perguntaram em coro: «Queres ser o nosso rei?» Ao que o pardal que cantava mal respondeu Tchap e, assim, subiu ao trono. Agora, a quem perguntar «O que é que faz um rei dos pardais?», já podem responder: «Faz Tchap.»



João Paulo Esteves da Silva (60 anos), com Íris Alexandra Nunes Marques (8 anos), Carolina Filipa Gonçalves Mendonça (8 anos), Lia Pereira Martinez (8 anos), Anhelina Ilyuk (8 anos), Nelson Madeira Almeida Costa (9 anos) e Jasmanpreet Singh (10 anos).
Ilustração de Dedo Mau.

O QUE PERDI

Primeiro perdi o gosto
Como um soldado que cai do posto
Ou um escravo na diáspora
Depois perdi meu rosto
Atrás de uma máscara.
Estava tudo a andar e de repente
Perdi o passo
Perdi o abraço.
A falta que isto faz
Da mãe, da avó, da namorada
Uma coisa que não vale nada
Que toda a gente dá de graça
E agora já ninguém abraça
Acredita?
O tempo já nem conto
Que perdi de aulas, férias
Dias de visita
Perdi e pronto.
E o que mais irrita
Essa distância entre nós
Essa presença sempre atrás
Do acrílico
O corpo está bem
Mas e o espírito?
Perdi
E isto é pior que perder no futebol
Não tem nada a ver.
Porque vejo ali o Sol
Mas perdi verões.
E mais quantos serões
E mais quantos São Joões
Sem festa, copos, farturas
Sem fogos, balões nas alturas
Sem sardinha, sem pimento
Lá fora não é igual cá dentro.
Perdi a idade que tinha
Perdi as ruas da cidade
Que é minha
Suas esquinas à noite
Seu despertar pela manhã
Não se vive a vida através de um ecrã.

Estou online
E nada sai nem entra
Estou online
E nada vai nem volta
Estou online
E nada cai nem sobe
É tudo igual
É tudo plaina
É tudo faina
É tudo raiva aqui.
E está aí o mal
Só o que não quero
É que não perdi.



Luca Argel com Curitiba, Matosinhos, Ontario, Harry Potter
no Centro Educativo Santo António.
Ilustração de Miguel Carneiro.

O LIVRO QUE EU GOSTARIA DE ESCREVER...



Chamar-se-ia «Vai primeiro aprender a escrever o teu nome...» Porque eu não aprendi a ler nem a escrever e vivi toda a minha vida com essa vergonha de não conseguir decodificar as letras do meu nome. Fui abandonada, insultada e quando tentava criar relações com os outros, eles diziam «essa, aí, nem sequer sabe escrever, então vai primeiro aprender a escrever o teu nome». É como se eu não existisse. Agora leio, escrevo e quero dizer que na vida não se deve nunca perder a esperança. É o que escreverei no meu livro.

Charlotte

Chamar-se-ia «Uma vida igual às outras». Eu falaria da minha história, de como atravessasse o Mediterrâneo, a Itália, o dia-a-dia numa estação de comboios, dormir em cima de caixas de cartão, contar o que a fome obriga a fazer, engravidar aos 16... Eu estava perdida. Isto nunca acalmou. Desejo uma vida normal. No meu livro, lembraria o quanto amei a profissão de enfermeira, tratei de mulheres, homens e crianças durante 7 anos. Tive de lutar. Eu diria às jovens mulheres que, para não passarem por aquilo que passei, não hesitem em procurar junto dos seus pais os conselhos que tanto me faltaram.

Agnès

Chamar-se-ia «Amo a França». Eu e a Liza amamo-nos desde os 16, casámos aos 22, temos 34 anos. Passámos por tudo juntos, os problemas de saúde e de documentos. Tivemos de deixar a Geórgia e descobrir o vosso país, estamos a aprender a língua. No nosso livro, cada um gritaria «Amo a França!», poder viver aqui é o nosso sonho. Para a Liza, é um segundo nascimento. Quanto a mim, tenho competências protesista, mecânico, canalizador, mas não posso trabalhar porque não tenho os documentos. Queremos trabalhar para ajudar e retribuir o que nos foi dado.

Spartak e Liza

Chamar-se-ia «Eu quero viver». Nasci na Etiópia, deixei o meu país em guerra para ir para outros que também estavam assim, o Sudão, a Líbia. Andei durante um mês no deserto. Passei de prisão para prisão. Nesses sítios, o dinheiro é a única maneira de sobreviver. São 5000 dólares ou passar quatro meses fechado. Vivi em Calais. A chuva, o sol, a neve, nenhum clima agrada nessa «Selva». Não poder tomar banho foi o que mais me marcou. Quero aprender francês, tenho formação em alvenaria. Depois de nascer, quero viver.

Abdi

Chamar-se-ia «Advogada ou médica». Eram as profissões que eu queria ter quando era uma menina cheia de sonhos nos Camarões. A vida decidiu de outra forma, não fui à escola. Nesse livro escreveria para mim mesma, contaria a minha história, de como foi necessário lutar contra o destino, mas também como encontrei um homem diferente dos outros, o meu marido. Se eu tivesse uma varinha mágica, não a utilizaria para mim, mas para ajudar todas as crianças pobres do mundo. O meu livro terminaria com esta frase: «Obrigada, Deus, cheguei a França.»

Martine

Mohammed Aïssaoui com Liza Balian, Abdi Kalil Dafo, Charlotte Kwelle, Agnès Massensi, Spartak Oskanov, Martine Yonbit.
Ilustração de Dominique Scaglia.

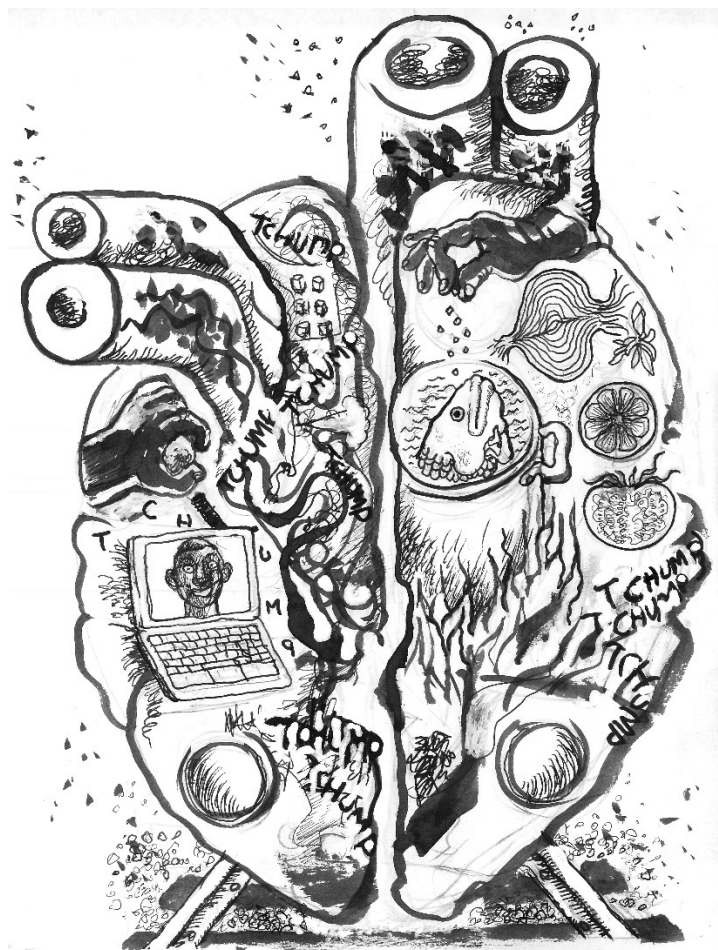
SABES DIZER-ME ONDE COMEÇA O CORAÇÃO?

Há perguntas que não podem ser feitas. Perguntas que não podem ser respondidas. Na sala cheia de luz, em frente à janela, sentados num sofá, cada um dos três precisou do seu silêncio, um silêncio erguido até no meio das palavras ditas a custo, arrancadas ao embaraço e ao pudor, um silêncio a proteger não apenas as cicatrizes escondidas, mas tudo o que vem atrás, as memórias demasiado dolorosas, as incertezas, os medos, tanta coisa que não pode ser compreendida por quem ignora onde começa o coração.

Uma ilha no arquipélago de Bijagós. Um barco aproxima-se da costa, respirações expectantes à flor das águas, sacos de arroz, o bafo de um porco. Não é o fim do mundo, mas quase. Natureza em estado bruto, muito mar à volta, cheio de peixe que os homens pescam e as mulheres cozinham. Na ilha não há automóveis nem estradas, só bicicletas e caminhos de terra, nuvens de poeira. Na ilha há seis irmãos, filhos de pai e mãe a trabalhar no campo. Aos sete anos, um dos rapazes começa a sentir-se mal. Dores no peito, cansaço, às vezes os pés muito inchados. No posto de saúde, um único diagnóstico: paludismo. A mãe farta-se, pega no filho e leva-o para Bissau, onde lhe fazem o primeiro raio X e nascem as suspeitas de doença grave. Salto no tempo: depois de uma primeira estadia em Lisboa, durante a qual lhe instalaram uma válvula biológica, regressa a Lisboa em Fevereiro de 2020, mesmo no começo da pandemia, para lhe colocarem uma artificial. Aluno aplicado, tem aulas à distância, no computador que fica num recanto da enfermaria, na casa de acolhimento. Houve uma altura em que Manecas respondia «professor», quando lhe perguntavam pela profissão futura. Agora, depois de tantas passagens por hospitais, sonha ser médico, talvez para tratar crianças guineenses, sem que elas precisem de viajar milhares de quilómetros para escapar aos diagnósticos potencialmente fatais.

À noite, os corações nesta casa fazem barulho, ouvem-se fora do corpo, *tchump tchump*, um som mecânico de válvula artificial, quem estiver acordado sentirá a vibração desta música estranha, *tchump tchump, tchump tchump*, os donos dos corações dormem e em volta deles uma espécie de concerto, *tchump tchump, tchump tchump, tchump tchump*, inusitada orquestra na escuridão, *tchump tchump, tchump tchump, tchump tchump, tchump tchump*.

Não um, não dois, mas três AVCs. Um rapazinho traído pelo seu sistema circulatório. Aos 12 anos, o início de um tormento que ainda não chegou ao fim, embora esteja para breve. Houve momentos em que deixou de falar, houve momentos em que deixou de andar, houve momentos em que os médicos abdicaram de qualquer esperança. Em 2019, operaram-no ao cérebro, abrindo a calota craniana. Em 2020, passou por Alcoitão e recuperou muito mais do que seria previsível. Em 2021, é quase autónomo, conversa, interage, vibra com os jogos do Futebol Clube do Porto. Ao seu lado, alguém lhe diz que um dia vai ser maquinista de comboio. Ele ri-se, diz que não, abana a cabeça atrás da viseira anti-Covid, mas os olhos dizem que sim, vejam bem, lá vai o Félix a dirigir a locomotiva, de Lisboa a Bissau, a mil à hora, finalmente de regresso a casa.

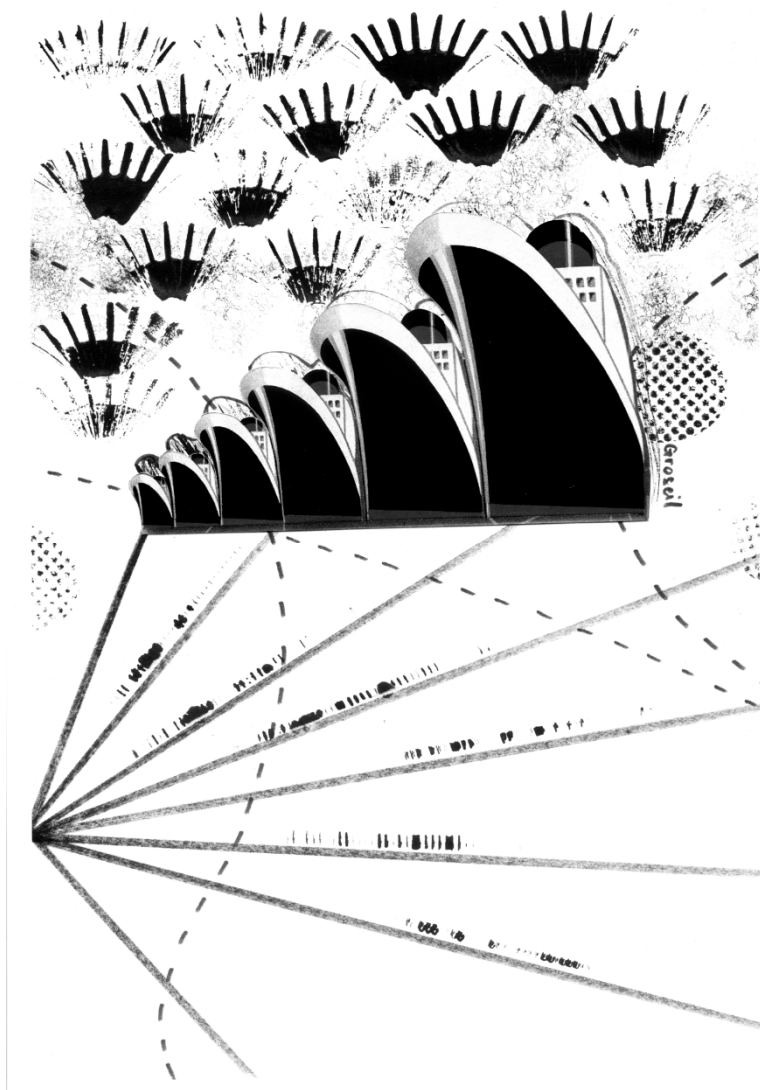


Um coração é uma coisa tão maravilhosa que parece impossível. Aurículas, ventrículos, endocárdio, miocárdio, epicárdio, pericárdio, veias que entram, artérias que saem, o sangue a circular, sempre, sempre, sempre, por causa deste músculo pujante, desta bomba hidráulica viva, deste milagre da anatomia. As pessoas saudáveis não precisam de pensar nele, está ali e basta, faz o seu trabalho e basta, é como um motor sempre ligado e nas rotações certas. As pessoas saudáveis não precisam de saber onde começa ou onde acaba o coração. Mas o Manecas sabe. O Félix sabe. A Suncar sabe.

Devia existir uma palavra para descrever a timidez de Suncar. Não é uma timidez habitual; é uma timidez só dela. Uma timidez de mãos a esconder o rosto, olhos espreitando entre os dedos, cabeça muito inclinada para o lado ou para baixo. Quando ouve palavras que lhe são dirigidas, encolhe-se como uma anémone. Não vale a pena insistir. As perguntas fazem ricochete nas paredes da sala, ficam caídas no chão ao fim de uns segundos. Aos poucos, porém, enquanto falo com os outros dois no sofá, a concha abre-se. Afloram as saudades da mãe, vislumbres da infância (a alegria de brincar à apanhada), lágrimas quando recorda a irmã mais nova de quem tratava e que morreu. Fala-se em *caldo branco* e ela explica que sabe cozinhar o petisco: peixe, tomate, cebola, limão e um bocadinho «assim» de sal (a ponta do indicador quase a tocar a ponta do polegar). Quando a doença está sempre presente, o futuro é uma ideia abstracta, mas a rapariga que gosta de fazer desenhos e colorir coelhos da Páscoa diz que um dia haverá de «ajudar pessoas», como ela própria foi ajudada. Talvez existam, afinal, corações sem princípio nem fim.

**José Mário Silva com Félix Manuel (18 anos), Suncar Camará (15 anos)
e Manecas Maurício (20 anos), na Casa Damião.
Ilustração de José Smith Vargas.**

É PRECISO CONTAR



Contámos.

Contámos histórias, histórias verdadeiras, histórias inventadas. Coisas pequeninas, coisas grandes. É bom recordar. Até os momentos difíceis. Se apagamos, ficamos sem nada.

Não tivemos medo de contar. No entanto, não é fácil partilhar o que é pessoal, mas isso transforma-nos, torna-nos mais fortes, de cada vez, cura-nos um pouco.

Contámos. E as histórias de uns cruzaram as histórias de outros. As recordações de uns acordaram as recordações de outros. As histórias verdadeiras encontraram as histórias inventadas.

A minha mãe não conheceu os pais. Foi criada pela irmã da madrinha. Era a mãe adoptiva dela. Nós chamávamos-lhe Mamie. Era viúva e vivia com o irmão. Um dia, o lobo branco partiu para a caça para ir buscar comida para a irmã. Quando voltou, a irmã tinha desaparecido. Foi procurá-la e descobriu uma gruta. De lá saiu um lobo velho. O lobo branco deslizou para a gruta, encontrou a irmã que lhe disse que o lobo velho era o pai dele.

Sim, claro que as histórias comunicam umas com as outras. As que vivemos, as que imaginamos. É assim que elas nascem, é assim que continuam. E sobretudo não as terminamos.

Escrevemo-las. Lemo-las. Ouvimo-las.

É por isso que estamos aqui. Um dia decidimos. Entrámos no sítio do Cardan. Muita vontade de aprender mais. Como na escola. Só que aqui não há pressão, não há stresse.

Então cresce. Como nos jardins. Cavamos, semeamos, regamos, colhemos. Também contámos tudo isso. E os pratos que gostamos de preparar, e as preocupações com a saúde, os papéis que é preciso preencher, o banco com que temos de batalhar. E os autocarros onde nos vimos. As pessoas que ajudámos. O cão perdido que encontrámos.

Claro, também há desenhos que contam, fotografias. Aliás, mostrámo-las uns aos outros, vimo-las, comentámo-las. As nossas histórias.

Contámos. E voltaremos a contar. Sim, isso continua. Queremos conhecer a continuação. Lê-la e escrevê-la. Não é para nada que se aprende. É para conjugar os verbos no futuro, jardinar, viajar, andar, estudar, coser, desenhar, brincar e todos os verbos que fazem a vida de todos os dias, e outros, talvez maiores, que acrescentaremos ao dicionário.

Não temos medo. Amanhã também não teremos medo. De contar a quem quiser ouvir. De partilhar com quem quiser receber. E de acrescentar às recordações dos outros recordações do futuro.

**Bernard Friot com Francis, Pascale, Corinne, Orlane, Simon, Cyril.
Tradução de João Pedro Bénard. Ilustração de Véronique Groseil.**



BOCA DE CENA

Que a nossa vida é um palco
não há dúvida nenhuma:
não é minha esta cara
com que caminho na rua,

não sou eu neste diário
a fazer contas à vida,
sou um mistério sem vítima
nem detective privado,

e não sei quem escreveu
a peça que represento,
e qual foi o seu intento
ao dar-me este papel.

Mas já que estou a pisar
as tábuas deste palco,
talvez possa improvisar
o nome da minha vida:

inventar um labirinto
feito de luz e de vidro,
e aconchegar num livro
uma palavra só minha,

falar uma língua estrangeira
toda feita só de gestos,
inventar nomes secretos
pràs coisas à minha beira:

neste palco inventar
uma vida verdadeira.

**Pedro Eiras com Filipe, João, Juliana, Oz, Sandra, Vítor na Qualificar para Incluir.
Ilustração de SAMA.**

A PORTA-JANELA

À porta da noite, tive muitos sonhos. Senti o agradável ar florido. Passeei pelo parque, e peixes não vi nenhuns.

Mas, ao acordar, deparei-me de nariz colado à porta. Esculpida, de vidro, de ferro. A porta do Paraíso? Querias...

Era a porta do tempo insuportável, a porta que faz fronteira, que restringe a norte, a sul, a este e a oeste, no interior e no exterior.

Todo nu, sem nada, eis o porta-chaves... Nada senão essa porta murada que nos priva de liberdade, uma verdadeira porta de prisão, porta mentirosa, que não quer abrir quando precisamos de respirar. Diz-me, a porta confina ou protege? Não mo ensinaram. Explica-me, é mesmo bom ter uma porta ao alcance da mão? Como saber se ela nos traz paz, protecção – porta(dora) da sorte –, se está suficientemente blindada? Conhecemos tantas portas blindadas que cedem ao primeiro pontapé, que parecem fortes, mas que se desfazem como se fossem areia. Porta(doras) de desgraça.

Gritar... O quê? Que dizes? Gritar sem porta-voz e apanhar com a porta, trás!, em pleno rosto, mais a raiva, não é justo, não é normal, onde está a porta de emergência?

Aquela que serve para sair e partir.

Tocar na maçaneta da porta, devagar, para deixar o tempo do insuportável.

Enfim. Na rua, em plena luz, na dança da cidade iluminada, reencontrar o caminho dos outros, vou ocupar-me das minhas flores, quero a natureza, o ar puro, dar um passeio na floresta, com o sol a bater-me na pele. Preciso do mar e do pôr-do-sol.

Não! O essencial é o dinheiro – porta-moedas, a alimentação – porta-cesta, o trabalho – porta-documento, e o Le Courier Picard – porta-revista. E fazer compras – portas giratórias, portas batentes, portas corredoras. Querida, pus as cervejas no porta-garrafas!

Quero ser bonita, porta-ligas.

A mim, o que me importa é transformar o meu orgulho em estandarte. Sou porta-estandarte, diz o homem; sou porta-bandeira, diz a mulher. A mesma palavra, a mesma força. Ele (trans)porta o pai, antigo combatente da Argélia, (trans)porta o avô, antigo soldado da guerra de 1939-1940. Desfila, de cabeça erguida, sabe saudar, sabe fazer dançar a bandeira, erguer alto a memória, a homenagem e o respeito. Eu carrego o meu cão, carrego o meu filho. Pode parecer pouco. Mas os meus braços fabricam afecto, abraços e amor.

Procuro fazer coisas, ocupar-me, preencher a minha vida com gestos úteis, tornar o meu corpo mais forte enchendo as velas dos meus pulmões, sopro na zarabatana as setas da liberdade reencontrada.

Visando a porta, essa porta que se vai abrir.

Sair pela porta, caramba. Desengonçar essa desajeitada. Empurrar o seu batente, sem violência.

Vem para os meus braços, família do coração, sem quem me sinto demasiado só, deixei de ser fértil, não sou quase nada. Encontrar a porta-janela, enfim.



Dominique «boutique» BRISSON com Corinne «amiga» ALLEMAN, Didier «não sei de nada» LEFEVRE, Gaëtan «divertido» MONFLIER, Laurent «combatente» CLEMENT, Mareim «ama» EL JIRARI KESKIN et Yacoub «madrugada», Latifa «não sei» DUFIL, Malika «música» BEN MERIEME, Linda «chocolate» DEMAREST, Yvonne «telefone» LECAS, Nadine «granadina» JACOB e Rosita «extra» BLANCHE, via zoom.

Acompanhantes:

Lauriane «rainha» MEUNIER, Blandine «surdina» HUSSON e Aude «à moda» BOUVILLE.

Ilustração de André Zetlaoui.

PANDEMÓNIO PANDOMÍNIO



I

é a música dos laços
que se fazem se desfazem
a cantilena dos filhos
aprendida no recreio
desafinada à nascença
a voz da mãe embalando
frouxa de dor e receio
com fé igual à descrença
o pai colado ao sermão
e a vida fora de mão

é a avó tão nossa amante
que partiu cedo de mais
e o avô empardecendo
perante a morte indefeso
é a máscara tombando
e logo outra escondendo
o sorriso de amargura
que busca destinatário
e a memória que por vezes
rola em sentido contrário

são os ossos do ofício
são os ofícios do osso
amor de corda ao pescoço
na guerra grandes negócios
no medo grandes tiranos
excepção por quantos anos
castigo em desproporção
regra negra norma cega
apocalipse orquestrado
lei da contaminação

é o que resta o que presta
trocas de olhar e serviço
dúvida onde havia certeza
elogio da pobreza
confiança no avesso
para quebrar o feitiço
do sempiterno progresso
do futuro sem regresso
e enfrentar o desafio
recomeçando o começo

II

diz que não é boa gente
aquele que não se sente
que quando calo consinto
palmas em pleno naufrágio
papão chamado contágio
e cura de maduro tinto...
palavras minhas ou suas
de nossas bocas pendentes
tão iguais tão diferentes
perdidas vão pelas ruas

televida solitária
entre trabalho e lição
prisão domiciliária
luvas gel água sabão
filhos em isolamento
e pais em distanciamento
mascarando o sofrimento
perde-se a conta dos mortos
é como se cada dia
caísse um grande avião

tornou-se hábito o óbito
tornou-se cárcere a casa
tornou-se risco a ternura
tornou-se ameaça a doçura
quanto maior a tristeza
menor a consolação
complots e negacionismo
alma cheia maré vaza
verbo da conspiração
salvação em tábua rasa

espírito santo de orelha
as palavras viram novas
entre rotas e derrotas
nos tímpanos duma velha
buscando sinais de vida
na luz, nas flores, nos bichos
e fabricando esperança
com novas matérias primas
o riso, a graça, a dança, o canto,
a fala, o sonho, a pausa, o espanto...

**Regina Guimarães com Carlos, Isabel, Paula e Elisa na Qualificar para Incluir.
Ilustração de PAM.**



No colégio dos cavaleiros
o jovem César está inquieto:
por que razão os seus amigos
se põem a vomitar
sem gritar ó da guarda
aranhas, lesmas
e minhocas?
E tem um pressentimento:
cheira a caso de encantamento...

Sem demora ele investiga.

Os seus amigos tinham frequentado
o atelier de cozinha.
Ele vai até lá e verifica os produtos:
tudo está normal, excepto, talvez,
aquelas soberbas maçãs:
redondas, cheias, de cor vermelha...
portanto, envenenadas.

Um truque das feiticeiras, sem sombra de
dúvida!

Discretamente, César entra sorrateiro
no atelier de feitiçaria:

Ha ha! Lá estão elas!
A fabricar coisas estranhas:
Bolo de chocolate,
Tarte de ananás,
Bolo de caramelo...

Não, não é possível,
as feiticeiras são amorosas...
E se afinal for um truque dos ogres?

Discretamente, César entra sorrateiro
No atelier da ogrescaria:

Ha ha! Lá estão eles!
A fabricar coisas estranhas,
cabanas para pardais,
armas de madeira,
um cavaleiro...

Não, não é possível,
Os ogres são amorosos...
Quem poderá ser?

César vê então passar
três bizarras pequenas fadas...
Elas vão para o lago
César segue-as escondido.

Ali, à beira d'água,
as meninas dão de comer
a peixes, insectos e sapos,
cantando e dançando.
Não, não é possível,
As fadas são amorosas...
Mas então quem?

César tem uma ideia,
Corre para falar
Com o reitor,
Que é uma espécie de rei:

— Senhor, senhor, vai ser preciso passar
todos os vossos súbditos
pelo detector de mentiras.

O rei fica a pensar,
Mas o seu ajudante salta de lá:

— Fora de questão!
Está em causa a liberdade de expressão!!!

O rei parece estar de acordo,
mas César, esse,
tem uma pequena,
muito pequena dúvida.

Chama a polícia da magia,
e em dois tempos e três fórmulas
o culpado é preso:

Ele, afinal, queria ocupar, com este
estratagema,
o lugar do seu chefe
Sua Majestade Real
o reitor.

Culpado na prisão,
um perfume paira na mansão:
crumble de maçã sem minhocas.
Pelo menos, espera-se.

**Alice Brière-Haquet com Abdarahman, Reda, Karim, Lucien, Majdoline, Mohamed, Ranik,
Tommy, Madisone, Pauline, Shawn e Zakaria.
Tradução de João Rodrigues. Ilustração de André Zetlaoui.**

SALA DE ESPERA COM VISTA PARA DENTRO



Já te digo ao que venho. Venho estar um bocado. Venho ser o que posso. Venho com isto de ser-estar, seja-lá-o-que-isso-for. Venho sentar um pouco a desconfiança, que bem precisa de folgar as pernas. Venho levantar alguma esperança, que bem precisa de arejar a cabeça. Mas, se a minha desvantagem não quiser que eu fique, faço-me a vontade e vou-me embora, no próximo minuto ou daqui a meia hora.

Falamos. Lemos. Escrevemos. Mas não falamos. Nem lemos. Nem escrevemos. Vivemos, mas também não vivemos. Temos e não temos. Somos e não somos. O pior de tudo é sempre a máscara. A máscara salva-nos metade da cara, mas rouba-nos o corpo inteiro. E não é por fora, é por dentro. A máscara amplia uma espécie de silêncio. Olhar, assim, olhos nos olhos, é disparar palavras com silenciador. O meu medo é ser obrigado a ver filmes de terror. Mas, se precisar de um ator, estou aqui, para o que der e vier. Quando eu próprio venho ter comigo, sei de que falo. Mas, quando me dou conta, já nem conto. Estou neste estado. Vivo neste estado. E nem o estado em que estou nem o estado em que vivo nem o estado a que pertenço me dão sinais de ser ouvido. Para os outros, há tudo isso e mais aquilo. Para mim, este quase nada. Palavras. Só palavras. É isso que me deixa só. E mais ainda me deixam só os meus pais, que perdi. Já escrevi, já deixei de escrever. Tenho tudo na cabeça. Tenho palavras de infância que não uso, como quem apaga a lareira para poupar lenha. Vou gastando uma aqui outra ali, para aquecer as mãos quando o frio mais aperta. As palavras são a única mobília da casa vazia. Por isso não há gavetas. Por isso, ninguém escreve em direção às gavetas. Se alguém escreve, é em direção às suas palavras, ideias, sentimentos, visões: um papel e um lápis na minha mão e o planeta até se encolhe.

Será que ainda temos as primeiras palavras que nos disseram? As segundas palavras que dissemos? As terceiras, que inventávamos, e assim por diante? Quero um pão com taranta, se faz favor! Escusas de ficar atarantada, um dia hei de dizê-lo bem, mas agora é que tenho fome. Tenho uma palavra na cabeça: sostrice. E que bem que sabe pensar nela e ficar só com ela, sem pensar, à grande e à francesa. Quando era pequeno dizia Auga. A nossa água vem da Galiza, com pessoas e palavras que descem o Norte. E, nas margens daquilo que dizem quando passam por nós, fazemos piqueniques todos juntos. Isto de povos também pode ser Pôvos e os ovos também podem ser Ôvos. Porque, afinal, todo o escritório pode ser religiosamente transformado em Cristório. Quando cresci, a Itália perdeu o N. Sim, para mim, a Itália tinha um N. Havia um pedaço de Itália que era só meu, onde podia ter construído uma casa.

Há palavras que adiamos. Há palavras que odiamos. Detesto palavras que não quero ouvir nem dizer porque, simplesmente, as detesto. Soletro-as, apenas, para mostrar com quantas letras se faz uma canoa afundar: b-a-d-a-l-h-o-c-a, p-a-n-e-l-e-i-r-o. Quando ouço a palavra Jovem, já vi tudo. Jovem é um dos apelidos mais polidos. Brilha tanto no discurso, que ofusca o nome próprio de quem vale pelo seu próprio nome. Mesmo que não morra de amores pelo nome que tem. Fofa é uma das palavras mais ásperas que me arranham a massa cinzenta. Usufruir é uma palavra assim... não é pra mim! Glo-balizar é uma palavra que está mais interessada no golo do que no jogo. Mundializar ainda vá que não vá, era outro campeonato. E a economia paralela é outra balela. Não gosto mesmo da palavra mentira, porque me tira tudo o que me dá. E eu cá ganhava muito se perdesse a palavra perder. Há palavras a norte, há palavras do sul. Há palavras a leste daquilo que dizem. Há palavras a menos e a mais no faroeste. Há palavras que não são o que parecem e vice-versa. Há palavras que se dão por outras que não chegam a dar-se: vamos morrer com o corpo cheio de metonímias.

**Emílio Remelhe com Armindo, Bruno, José, Joaquim José, Paulo Alexandre, Rúben, Vítor, Paulo, e também com Regina, João, Cláudia e Alfredo na Casa da Rua.
Ilustração de Paulo João Barrosa.**

ASNEIRAS

*Tu aí, diz-me lá, fazes ou não fazes
Asneiras?*

*Vá, por favor, conta-me
As tuas asneiras!*

Na praça da aldeia
Os feirantes instalavam-se
Mas todas as crianças ajuizadas
Deviam ir-se deitar

Sáímos eu e o meu irmão
Pela janela está claro
E partimos os dois
Para a festa na galhofa

Nos carrinhos de choque
Tive um acidentezinho
Uma manobra infeliz
Levei com o volante nos dentes

No dia seguinte os meus pais
Perguntaram-me porque é que
O meu lábio tinha bizarramente
Inchado tanto?

*Tu aí, diz-me lá, fazes ou não fazes
Asneiras?*

*Vá, por favor, conta-me
As tuas asneiras!*

Um dia enquanto jogava
A atirar flechas com um amigo
Como ele virou para mim
O seu pequeno rabiosque

Tive a ideia original
De acertar nele em vez do alvo
Confesso que ele sofreu muito
Porque a zona era sensível

Quando os meus pais me apanharam
Quis explicar-lhes
Que a flecha tinha seguido
Uma trajetória complicada



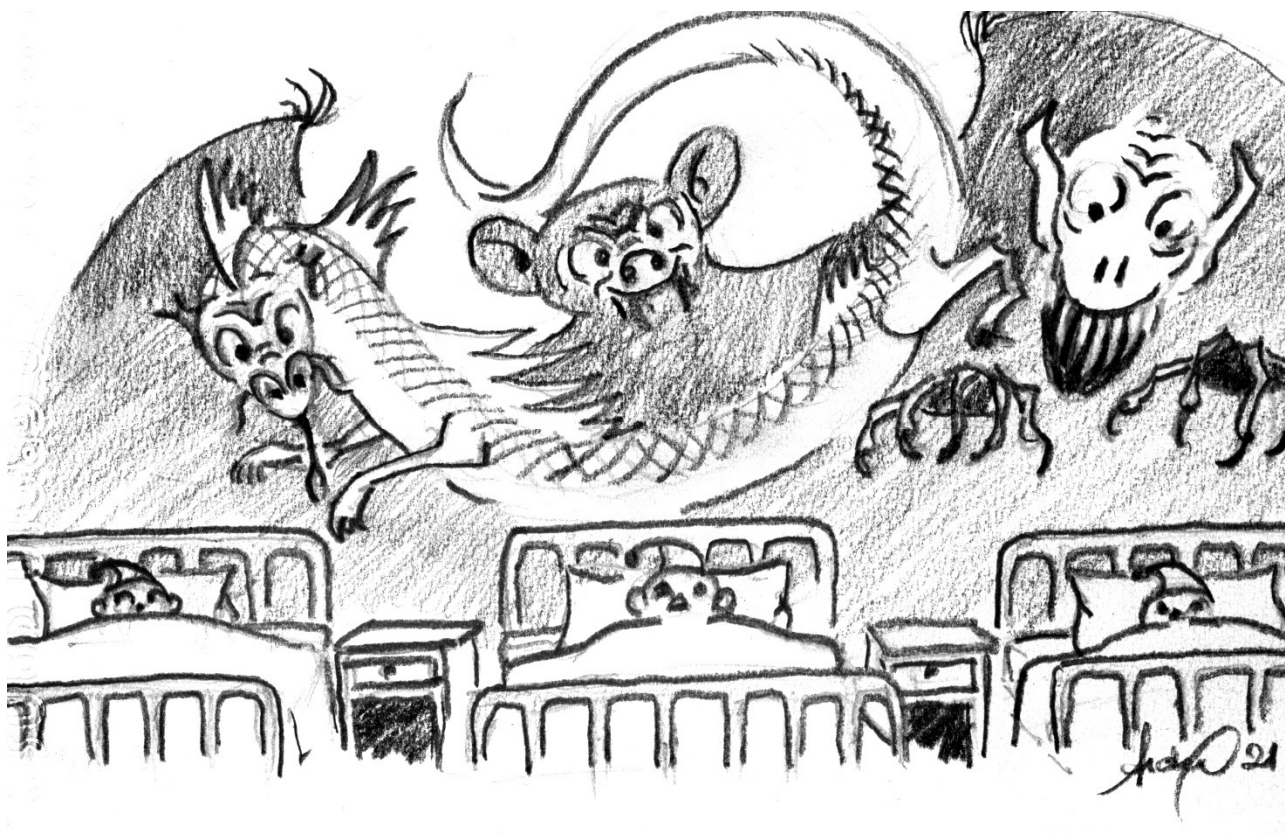
Claro que não acreditaram
Por sua vez fizeram passar
Com palavras muito duras
A minha vontade de repetir

*Tu aí, diz-me lá, fazes ou não fazes
Asneiras?*

*Vá, por favor, conta-me
As tuas asneiras!*

Nicolas Jaillet com Isabelle, Noémie, Alia, Camille e Marie-Aurélie.
Tradução de Maria João Brilhante. Ilustração de André Zetlaoui.

NORMAL OU PARANORMAL?



Há histórias assustadoras.

Palavras que não devem ser tiradas da boca.

Palavras que é preciso guardar no fundo da garganta.

E é à noite que elas se escapam do escuro, mal as luzes se apagam.

Depois das 22h15, é paranormal.

Primeiro a música, sons a sair das paredes, grunhidos, arranhões. Depois ouvem-se gritos, vozes, sussurros. Então, batem nas portas. E nos nossos telefones, aparecem sombras brancas. De repente, ficas à rasca. Arrepias-te ao sentir à tua volta fantasmas a roçar-se.

Gaita! Normal ou paranormal?

Os supervisores dizem que não é nada. E os educadores dizem o mesmo. Não há nada, nada, nunca! Tranquilizam-nos o melhor que podem, mas a gente sabe que são espíritos, os espíritos de todos os que passaram pelo Lar Libermann. Até o Abdel, o guarda da capela, diz que há espíritos. E nós, a gente sabe, a gente ouve-os.

Os educas, esses dizem que aquilo está na nossa cabeça, devido às nossas vidas. Mas as nossas vidas parecem-se com as vidas das outras crianças. Não é por termos sido colocadas no lar que somos raparigas diferentes.

Eu fui deixada aos dois anos. Eu, aos treze, eu aos onze, eu aos três. Uma vida normal, ou seja, uma vida à sorte, apanham-te num dia e internam-te no dia seguinte.

Eu deixei a minha mãe com um ano.

Eu, a minha, nem a quero mais ver, porque tive chatices com o meu ex-padrasto. Para mim, o problema foi só com o meu padraço.

Coisas boas? Sei lá... Ah sim, uma vez fui até à Vendée. Eu, não me lembro, ou quando ia ver o meu pai, bebíamos todos uns *diabolos*, no tempo em que era uma alegria lá por casa.

Mas, agora, a casa é outra...

Normal ou paranormal?

Este lar, foi por causa de problemas pessoais, de que se fala ou não, ou temos o nosso jardim secreto ou contamos tudo. As fugas, por exemplo, eu, já nem sei quantas. Fazemos a coisa de noite, para evitar os espíritos. Acciona-se o alarme de incêndio e o portão de ferro abre. E a gente sai, fugimos, fica-se livre, vai-se apanhar ar, caminhar, há quem volte e quem não volte. Mas nós, a gente volta sempre, porque o lar é a nossa casa, a gente gosta de estar aqui. Longe dos problemas. Porque espíritos, ruídos, fantasmas são a nossa vida, a nossa aventura. Quase um jogo para nos assustar, para nos dar calor e esquecer a solidão, os insultos e a violência que criamos para nós próprias.

Então. Normal ou paranormal?

A nossa vida...

O nosso futuro...

O nosso passado...

O nosso sorriso...

Normal ou paranormal? Pergunto-vos eu!

Pascal Millet com Laura Clairet a maligna, Magalie Duvinage a tímida, Malia Bessalem a pequenina, Anthonnia Yamaha a pseudo, Mélanie Ribreau a educadora, Lolita Mangot a star, Noémie Sueur a Nono la Queen, Valérie Schiffrine a segunda educadora. Tradução de Joaquim Beja. Ilustração de André Zetlaoui.

Tudo começou com um desenho chinês.

– Havia uma passagem – assegura a Gazela.

Eles debatem-se no mato. O Tigre vai à frente – em breve gritará: «Encontrei!» Seguem-no o Gato – modesto mas mesmo assim felino –, o Cavalo – um tanto melancólico –, o Shinchochiminus – isto é: o dinossáurio –, e o Golfinho à procura do seu elemento. Fecham a marcha a Gazela e o Esquilo.

A dita passagem, não conseguem encontrá-la. A passagem que procuravam. Porque, quando não se procura... E então, decidem voltar para trás, meia-volta.

Os mesmos, um pouco mais tarde, à beira do rio Somme. O vento, o vento, o vento. A água cintila por entre as nuvens. Uma libelinha, verdadeira, essa. Vá-se lá saber por que razão ela se toma por desenho chinês. Depois uma menina – azul eléctrica. Uma barça tem o nome do Cavalo. Ao longo do caminho, as gramíneas, densas e dançantes.

– Galo ou galinha? – pergunta o gato. É um jogo. Desfolhada entre o polegar e o indicador, a gramínea forma cauda ou penas.

Traseiros nas ervas, almoça-se. A avisada Gazela distribui bolo. Tudo começou pela alegria do piquenique. Foi aí que a passagem – a que não se procurava – se perfilou no horizonte. Tudo começou com a música, a que os animais em círculo ouvem no seu portátil. Tudo começou com o Cavalo a oferecer aos outros uma canção. Uma canção de aniversário que na véspera tinha feito chorar a mãe. Os Animais, esses, não choram. Aplaudem.

Tudo começou com a liberdade de movimento. Os Animais brincam, os Animais espicaçam-se, os Animais gritam em liberdade, os Animais colhem os seus ornamentos. O Tigre faz um adorno de princesa, uma cornucópia de gramínea gigante. Os outros não estão parados.

– Peixes! – grita o Dinossáurio, em tempos pescador.

– Carpa ou tenca? – pergunta o Esquilo.

O Shinchociminus inclina-se para tenca.

Tudo começou com a poesia do canal, os álamos sacudidos pelo vento e os arbustos em flor.

O Gato compôs uma música digital, frases cheias de aliteraões: «Eu escutei-a mas ela era feia...», «Ela tem-se por bonita quando outras fazem fita...»

O Golfinho escreveu um canto sem fim inspirado pelo Tigre. Chamava-se «O amigo dos homens e das mulheres» e começava por: «Tenho pós de perlímpimpim.» O Cavalo sonha à beira de água, oferece um canto sobre a natureza. Acaba assim: «Portanto, se fazem favor, deixem de construir por todo o lado sem reflectir, olhem para o que fizeram, deixem os vossos ecrãs, olhem à vossa volta.»

O Tigre e o Esquilo, sentados num banco, estão inspirados. Escrevem e levantam o nariz ao mesmo tempo.

O Tigre: «O vento, o que chama as nuvens, o doce canto das folhas... ou das árvores?»

O Esquilo: De olhos fechados, ouço o mar na respiração dos álamos.»

Os Animais estão em fase.

A Gazela traz sumo de maçã – única, esta Gazela.

Finalmente encontrámo-la, a passagem deles.



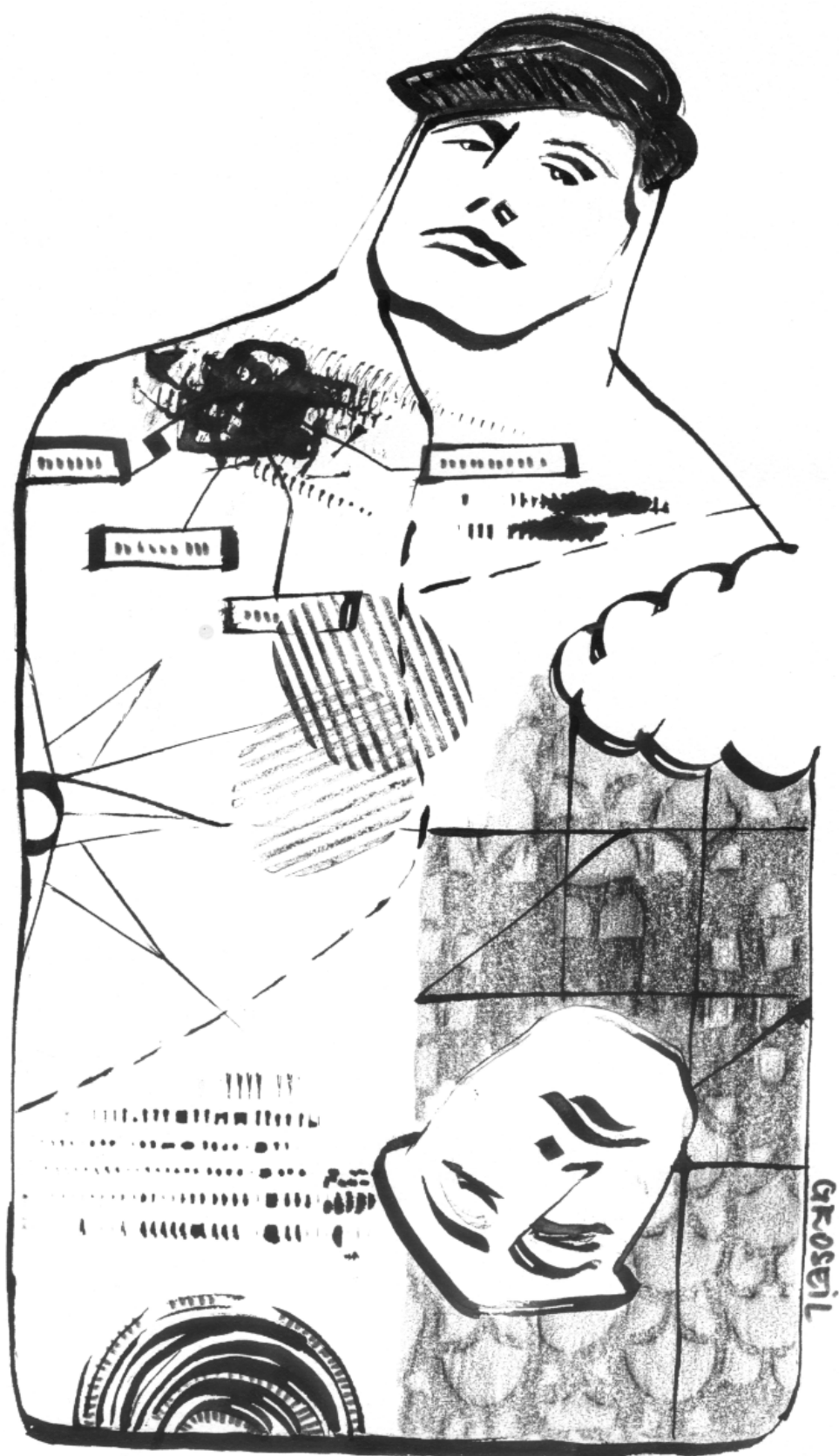
Claire Ubac o Esquilo com (por ordem de aparição) Aude a Gazela, Valentine o Tigre, Ninon o Gato, Flora o Cavalo, Enzo o Shinchociminus, Logan o Golfinho.
Tradução de João Rodrigues. Ilustração de Leslei Dumortier.

OS MANOS DA CHOLDRA

Olá, diário! O dia começou foleiro, como de costume. Uma seca total. Ainda bem que estás aqui, diário, para me obrigar a escrever palavras sobre a minha vida. Quando não consigo pôr as palavras no papel, vivo no caos. Só chatices. Que dizes tu? Que dizes tu agora? Procuras-me ou quê? A confusão gera a cólera e torna-me desagradável. Porque há sempre qualquer coisa que não está bem. Quando as palavras são as certas, o sotaque é errado. Ao que parece. Quero muito aprender. Sei que, na vida, há que aprender. Para plantar uma semente, há que aprender. Para existir, há que aprender. Mas por que raio é que o tipo do guichê me faz repetir a frase? Só para me mostrar que sabe de gramática? Que é a dele e não a minha, a gramática da dominação? Que eu não sou daqui? Que não sou francês como ele? E porque me pede cartões que não tenho ou dinheiro que não tenho? Ele bem sabe que acabo de sair da choldra!

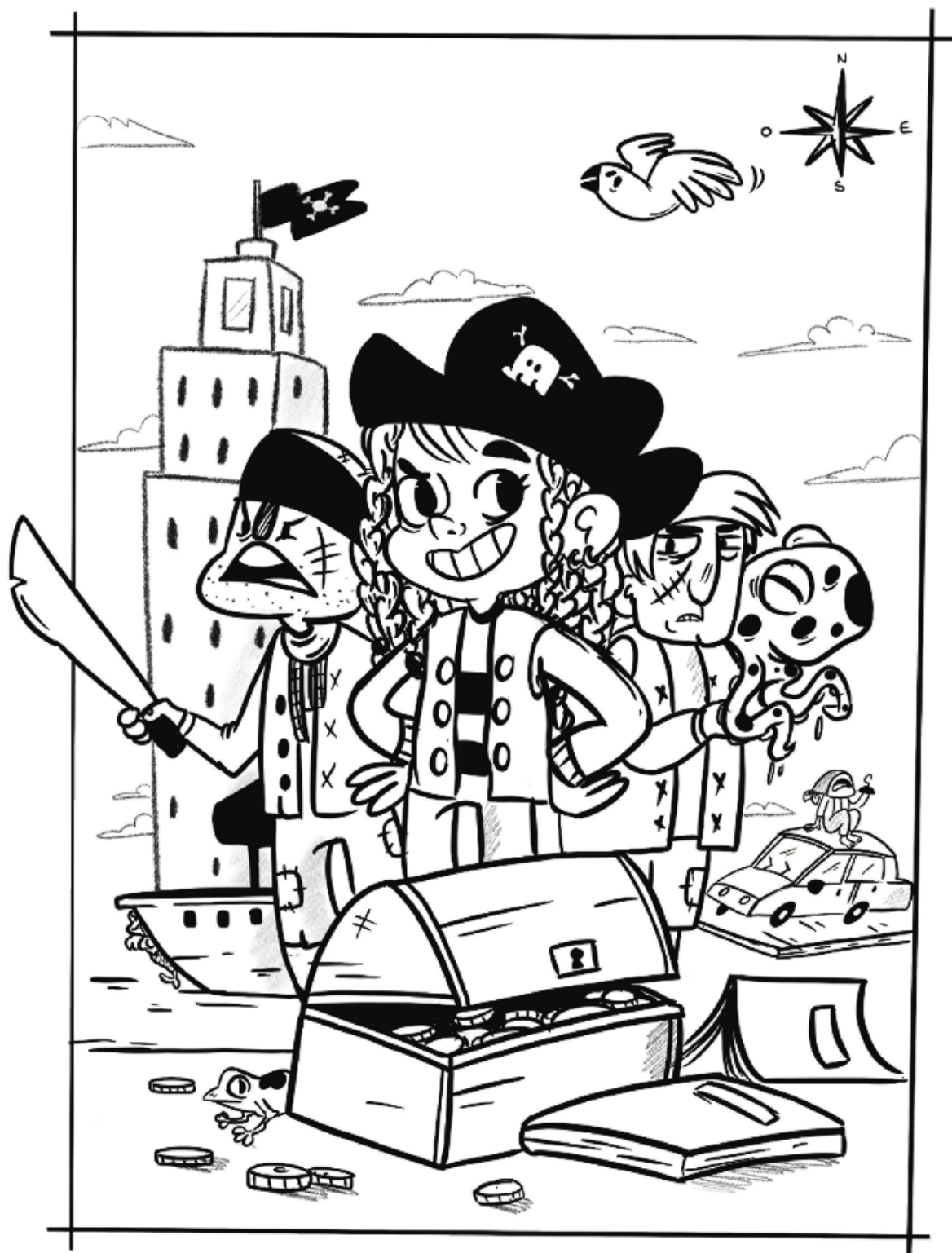
Estou lixado, mas cheio de boa vontade. Ora, então, obrigado, diário, por me abrires uma nova página. Uma nova página na minha vida. A minha vida aos biscates, sem nunca ter contrato. No trabalho, gostava de montar andaimes até ao céu. Gostava ainda mais de estar na plataforma elevatória, para procurar atrás das nuvens, lá onde se esconde a Estrela do Norte. A minha boa estrela... Porque... perdi o norte. E também o direito de voltar ao norte. Tu ajudas-me a virar a página, meu querido diário, e, no fundo, és tu quem me ajuda a encontrar a minha filhota do norte. Bati na mãe dela. Uma vez. Só uma vez. Ainda tenho vergonha. Nunca mais levantarei a mão contra uma mulher, prometo-te.

Em breve, vou voltar a ver-te, minha filhota. Finalmente! Vou abraçar-te bem e dar-te um grande beijo cúmplice, como dantes. Gostava de te apresentar os meus novos manos. O Franck e a sua guitarra, que gostava de ter sido padeiro, se não tivesse caído num buraco negro quando estava com uma tosga. O Djamel, que é um mãos-largas, como é evidente, é um esbanjador. O Dimitri vai ensinar-te inglês. O Jérôme, de coração frágil, dir-te-á como teve dez paixões assolapadas por uma princesa. O Daniel apresentar-te-á o seu amigo que se veste de Dalida. Verás o Alexis, com a sua cara de bebé, que acha que vai ter rugas quando for velho. São tipos porreiros, estes manos. Mas todos à procura do sono desde a mais tenra infância. Abandonados. Institucionalizados. Fechados. Revistados. Humilhados. Atrás dos muros, a sonhar com um raio de sol. Teriam gostado de pagar a sua dívida sendo úteis, mais do que de apodrecer num armário ou ser condenados a vender a aliança por um maço de tabaco. Caraças! Dêem-lhes as guitarras deles! Dêem-lhes um passe de autocarro. Dêem-lhes um número de saúde. Dêem-lhes uns trocos, pelo menos, para que, à saída, não sejam obrigados a dormir num carro. Para que o exterior não seja uma nova choldra.



Gérard Alle com Alexis, Franck, Jérôme, Djamel, Daniel, Dimitri.
Tradução de Mariana Vieira. Ilustração de Véronique Groseil.

LEITURA PIRATA



Chamo-me Gwénael. Corria o ano da graça de 2021, eu era, então, pescador de alforrecas nos mares da África, ao largo de Portugal. Uma manhã, avistei a silhueta de um navio. Ela aumentou, pouco depois, o Mandela 3 estava à minha frente. Era um navio imponente, de trinta e oito canhões, ostentando uma bandeira vermelha, com uma cabeça e duas tíbias cruzadas. Piratas. Fui capturado, mas deixaram-me à solta no convés, entre a tripulação impetuosa. Graciella, de tranças e bicornes distintas, andava de um lado para o outro do convés. Recrutada pelos piratas após o assassinato dos seus pais, ela estava nas mãos deles e não gostava do que fazia. Ela queria o ouro e matava pessoas, mas não gostava do que fazia. O Capitão Didier, pirata irascível de bochecha riscada por uma cicatriz feita em 1710, na Alemanha, avançado-centro do Bayern da ilha da tartaruga, armava uma algazarra por tudo e por nada. O Capitão Léo, de polvo ao ombro, era o responsável pelas inúmeras cicatrizes que lhe riscavam o corpo. O Marie-Claire, talvez o pior, combatia todos os dias com golpes de gancho para manter a forma. Jack Sparrow, sedento de ouro e de álcool, completava esta tripulação de doidos. O Mandela 3 deixara o Atlântico Norte rumo à Mancha, navegando depois em direcção a Amiens. Conduzira-os lá um mapa que assinalava um tesouro no castelo, apesar dos inúmeros contratemplos: Jack Sparrow salvara o navio do Capitão Xavier dos dentes afiados das rochas. Depois, o Capitão Léo meteu na cabeça apanhar a ave de ouro sem lhe tocar, não fosse ser transformado em pepita. O encontro, no Somme, com o Pesquet 4, o navio inimigo, quase que deu para o torto. Quando a torre Perret surgiu, a tripulação demoníaca foi dar um passeio. Quando regressaram, o navio costeava uma serpente de prédios, criatura negra e amarela, rica em sortilégios. Castelo, nem vê-lo. O barco baixou a vela e vogou pela Rua de Cagny, mudou de rumo na Rua Salengo e depois atravessou, inquieto, a floresta das barracas. Castelo, nem vê-lo. A tripulação, louca de raiva, revirava o mapa em todos os sentidos. Acabou por cair à água, todo amarrotado. Nem castelo, nem tesouro, nem ouro.

Foi então que um papagaio, fugido da Rua de Quebec, abriu o bico: Vocês têm o tesouro, mas não é ouro. Vocês têm o tesouro, é terem inventado. Vocês têm o tesouro, é terem escrito em conjunto! Os piratas, furiosos, afugentaram-no. Perante tal desespero, Graciella puxou de um saco de moedas de ouro.

De onde vem isso?

De uma mala.

Qual mala?

Da mala de um Renault16, o carro velho incrustado no muro ao pé do Cabo Rosa Bonheur.

O que faremos com isso?

Compramos livros?

Todos para a livraria! Ao assalto!

Ainda hoje, o Capitão Didier, o Capitão Léo, Marie-Claire, Jack Sparrow e Graciella, pirata a contragosto, atormentam as minhas noites agitadas, quando o vento sopra e a lua se eclipsa.

**Gwénael David com Dicken, Geoffrey, Kelyan, Léo e Stefie.
Com um agradecimento ao Anthony, à Laureline, à Mélinda e à Thérèse.
Tradução de Mariana Vieira. Ilustração de Leslie Dumortier.**

NO INÍCIO...



SCAGLIA

No início, é igual para toda a gente. A história começa sempre da mesma maneira. Nascemos, gritamos. Somos essa pequena coisa pegajosa que escorre e urre. Descendemos todos do macaco ou do Neandertal, e os nossos antepassados são os Gauleses. É igual para toda a gente.

No início, são sempre as mesmas palavras. Tão querido que ele é... Tem os olhos da mãe... Faz lembrar o irmão, não acham? Ou então o tio, a avó, o carteiro, o vizinho... Tranquiliza imaginar que é um pouco a mesma história que continua.

No início, é como nos contos de fadas. Era uma vez, patati, patata. Mas as palavras do início não querem dizer nada. São convenções, passagens obrigatórias, um constrangimento. Palavras que pronunciamos sem pensar.

No início, poderias utilizar umas palavras quaisquer, não faria grande diferença. O que conta é o que vem depois. Todas as histórias poderiam começar por «tenho de confessar-te qualquer coisa», por exemplo, e terias tantas histórias diferentes quantos autores, cada um escrevendo com as suas culpas, os seus medos, as suas vergonhas, os seus segredos, os seus desejos. Histórias de ruturas, de amor, de adultérios, de assassinatos.

No início, poderias dizer também «A noite é profunda» porque começar com «O dia levanta-se» é muito fácil. Alguns teriam insónias, como os homens pré-históricos, com o receio de serem comidos

por um tigre-de-dentes-de-sabre. Outros incendiariam o palco. Tu cantas, cantas, cantas, esse refrão que te apraz, e danças, danças, danças, é o teu modo de amar... Até ao fim da noite... Cada um faz o que lhe dá prazer. E outros ainda adormeceriam com os punhos cerrados como quando eram bebés. No início...

Mas os inícios estão condenados ao esquecimento. Vestimos os nossos fatos e esquecemo-nos de que outrora andávamos nus, que dormíamos mesmo no chão, que aos trinta anos já estávamos envelhecidos, um pé na cova e o outro desaparecido, digerido há muito tempo pelo tigre-com-dentes-de-sabre de há pouco.

Cavernas, tigres, mamutes, supermercados... Adivinhamos aproximadamente o encadeamento, mesmo que a história não seja muito clara. Não percebemos muito bem porque foi necessário passar por Marignan, Waterloo, Verdun, para chegar aqui, a empurrar carrinhos de compras que não podemos encher depois da fábrica Saint Frère ter fechado.

Se não nos tivéssemos esquecido do início, poderíamos fazer como os homens pré-históricos, apanhar cogumelos ou morangos nos bosques, caçar lebre quando não se encontram mamutes. Viver nos bosques.

No início é igual para toda a gente. Está inscrito na Declaração Universal dos Direitos do Homem: os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos... Depois esquecemos, e é cada um por si, então, forçosamente, as coisas tornam-se mais complicadas.

Jean-Claude Lalumière com Aline, Christelle, Christophe, Hubert, Jules, Marielle, Marie-Laure, Marie-Thérèse, Pierre, Quentin, Thierry de Flixecourt.
Tradução de Rui Teigão. Ilustração de Dominique Scaglia.

SOMBRA E CLARIDADE NA RUA SAINT-LEU AO DOMINGO

Chamo-me Claridade. É o meu nome. Foi o meu pai que mo deu. Claridade. É assim tão duro de usar, quando não se pode ficar em plena luz? É assim tão duro de usar, quando é preciso partir?

Mais tarde, a minha irmãzinha nasceu. Sombra. Foi o meu pai que lhe deu o nome. Depois partimos para longe, muito depressa, porque o meu pai não queria que morrêssemos.

Sombra. Será um nome para se esconder?

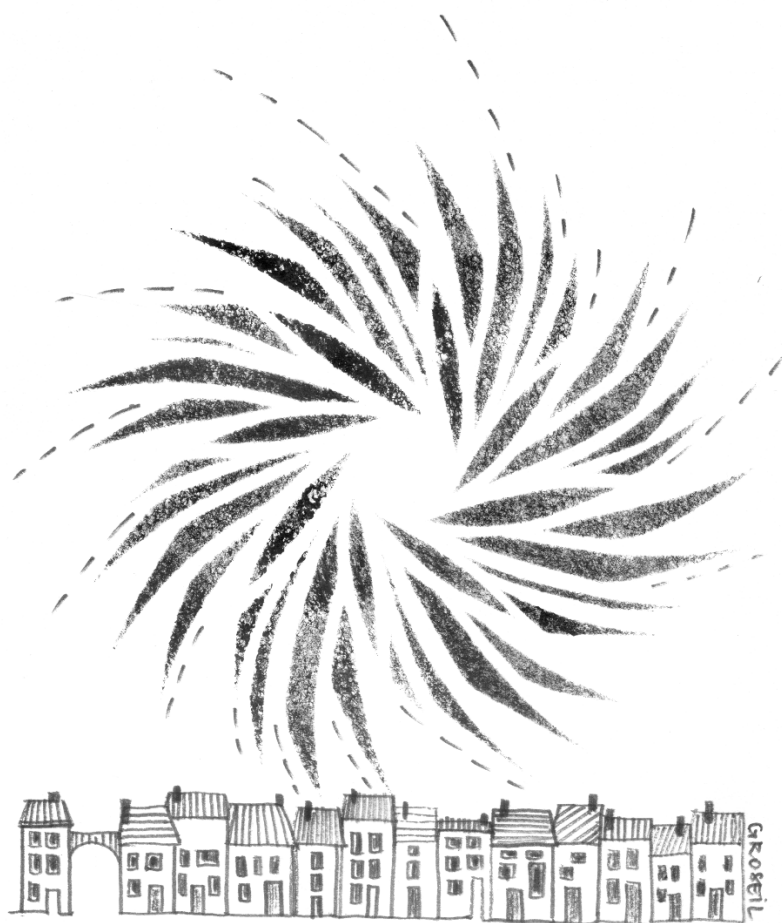
À beira da água, na rua Saint-Leu, as folhas dançam nas grades de metal. Sombra, luz. Qual delas escolheremos?

Eu devia ter tido um outro nome. Um que nunca conheci. A namorada do meu pai ficou com ele para o seu bebé. Roubou-o, então foi preciso mudar.

É assim tão fácil, ter um nome roubado?

A mim, o meu pai chamou-me Inaya. Quer dizer «doce estrela». Acham que tenho ar de uma doce estrela, quando faço diabruras, quando parto a televisão, quando bato com tudo no meu quarto e com os meus pés nos degraus, e deito fora as coisas do meu irmão?

Doce estrela. Será assim tão fácil, ter um nome tão doce?



Eu sou curda e só digo metade do meu nome. Senão fica muito longo. Muito complicado também para os ouvidos daqui. Será assim tão fácil, nunca dizer o seu nome inteiro? Ao domingo, felizmente, há a Maelys. A Maelys é picarda. Ser picarda é ter uma língua. É ela quem o diz. Para dizer eu, ela diz Mim, para dizer tu, ela diz Ti. E, para além disso, o avô dela, ele fez a guerra da França. Eu disse-lhe que o meu, também fez a guerra, contra o seu país, mas não sei qual. Só sei que a guerra mete-me medo.

Maelys habita no edifício B. Eu no A, mesmo em frente. Para a encontrar, tenho de procurar nas caixas do correio, porque mesmo vivendo tão perto, aqui há oito andares e trinta apartamentos, e eu, por vezes, perco-me nos algarismos e nos nomes. Juntas, na rua Saint-Leu ao domingo, com a Maelys, sonhamos partir para o Japão. Lá, parece que há casas que têm sinais, e também que uma letra chega para dizer uma palavra inteira. E depois os livros, lêem-se ao contrário, começando pelo fim, porque, lá, o fim é um começo.

Se, lá, o fim é um começo, então é certo, pudemos recomeçar tudo, encontrar o seu nome roubado, tornar-se estrela cheia de cólera, dizer o seu nome inteiro mesmo se for muito longo, porque, lá, as pessoas têm certamente tempo para escutar até ao fim. E, até, acho, eu que a meio da noite podemos deixar de nos chamarmos Sombra e tornarmo-nos Claridade.

Eis o que dizemos uma à outra na rua Saint-Leu ao domingo, vendo a água correr. E depois no silêncio, escutamos muito tempo as portadas lá em cima que cantam de tanto baterem.

Nadine Brun-Cosme com Killian Le Sénéchal, Afnan, Maelys Demey, Shaïna Benzerfa, Jenna Benzerfa, Ynaya Hembert, Zaïnab Yerlikaya, Hivda Yerlikaya, Edith De Bruyn, Corinne Roussel.

Tradução de Maria João Brilhante. Ilustração de Véronique Groseil.